

O evangelho do ódio

I

No final de 1889, Hermann Ahlwardt, diretor de uma escola primária de Berlim, estava à beira da ruína financeira. Ahlwardt, nascido em 1846 no seio de uma família pobre da Pomerânia, constatou que o salário que auferia na sua posição menor no ensino prussiano não chegava para as suas consideráveis despesas quotidianas. Entrou em desespero e cometeu um crime que quase pareceu calculado para chocar os seus

superiores hierárquicos: roubou dinheiro dos fundos angariados para pagar a festa de Natal das crianças da escola. O seu delito foi rapidamente descoberto, e ele foi demitido, perdendo assim a sua última fonte de rendimento. Muitas pessoas ter-se-iam sentido esmagadas por estes desastres e por sentimentos de culpa e remorsos, mas Hermann Ahlwardt não. «O diretor», como ele depressa se tornou conhecido do grande público, decidiu contra-atacar. Ao procurar alguém para culpar pelas suas desgraças, centrou-se rapidamente nos judeus.¹

A comunidade judaica da Alemanha era um grupo social extremamente aculturado e bem-sucedido, cuja principal distinção em relação aos demais alemães era a sua religião.² No século XIX, as desvantagens civis dos não cristãos dos Estados alemães foram gradualmente removidas, tal como a discriminação religiosa formal foi abolida noutros países, por exemplo, na Grã-Bretanha, com a Emancipação Católica de 1829. Na Alemanha, os últimos impedimentos legais à plena igualdade de direitos foram eliminados com a unificação, em 1871. Depois da introdução do casamento civil em lugar das cerimónias religiosas, o número de casamentos entre judeus e cristãos alemães aumentou rapidamente.

Por exemplo, em Breslau, em 1915, realizaram-se 35 casamentos entre judeus e cristãos por cada cem casamentos entre judeus, em comparação com apenas nove no final da década de 70 do século anterior. Poucos cônjuges cristãos eram de famílias de judeus convertidos, e os casamentos mistos eram transversais a todas as camadas sociais. Em 1904, 19% dos judeus e 13% das judias berlinenses desposaram cristãos.

Em Düsseldorf,
em meados da primeira década do século, 25% dos
judeus que casaram desposaram cristãos; em 1914, foram um terço.
Na véspera da Primeira Guerra Mundial, tiveram lugar 38 casamentos
mistos por cada cem casamentos judaicos; em Hamburgo,
realizaram--se 73. Os judeus também começaram a converter-
se ao cristianismo
em número cada vez maior; nos primeiros setenta anos do século xix,
converteram-se onze mil, e nas três décadas seguintes, onze mil e quinhentos.
Entre 1880 e 1919, foram batizados cerca de vinte mil judeus
alemães. Este fenómeno foi dissolvendo lentamente a identidade da
comunidade judaica como grupo religioso fechado.³
Os cerca de seiscentos mil judeus praticantes que viviam no Império
Alemão eram uma pequena minoria religiosa numa sociedade
esmagadoramente
cristã, representando cerca de 1% do conjunto da população.
Os judeus, excluídos durante séculos das fontes tradicionais de
riqueza como a posse de terras, permaneceram fora do «sistema» do
Reich porque a discriminação social informal continuou a negar-lhes
um lugar nas instituições principais, como o exército, a magistratura
e os escalões cimeiros do funcionalismo público; aliás, o seu acesso a
estas instituições diminuiu na última década do século xix e na primeira
do século seguinte.⁴ Os judeus convertidos sofriam diariamente com o
antisemitismo, ao ponto de muitos adotarem nomes com uma sonoridade
mais cristã.⁵ No século xix, a discriminação levou à emigração de
cerca de cem mil judeus alemães, em especial para os Estados Unidos,
mas a maior parte ficou, principalmente por causa do crescimento acelerado
da economia no fim do século. Os judeus estavam concentrados
nas maiores cidades e vilas: em 1910, 25% viviam em Berlim, e em
1933 eram cerca de um terço. Nas cidades, aglomeraram-se em bairros
específicos: em 1885, quase metade dos judeus de Hamburgo residia
nos dois distritos de classe média de Harvestehude e Rotherbaum; e
em 1900, quase dois terços dos judeus de Frankfurt residiam em quatro
dos catorze distritos; em 1923, 70% dos judeus de Berlim residiam

em cinco bairros centrais e ocidentais, quase todos de classe média. E mesmo nas cidades com as maiores populações judaicas — Berlim, Breslau e Frankfurt —, os judeus constituíam uma ínfima minoria, representando 4,3%, 6,4% e 7,1% das respetivas populações em 1871.⁶ Muitos judeus encontraram lugar no sector empresarial e nas profissões liberais. Ao lado da grande família de banqueiros Rothschild, surgiram muitas outras casas financeiras judaicas importantes, tais como a empresa bancária Bleichröder, à qual Bismarck confiou as suas finanças pessoais.⁷ Muitos dos novos tipos de empresas de retalho, tais como os grandes armazéns, dos quais existiam cerca de duzentos na Alemanha antes da Primeira Guerra Mundial, eram propriedade de judeus, tais como a família Tietz ou os irmãos Wertheim.⁸ Os judeus estavam particularmente bem representados na medicina, na advocacia, na ciência e na investigação, no ensino universitário, no jornalismo e nas artes.⁹ A comunidade judaica estava a transformar-se lentamente de minoria religiosa ostracizada num dos muitos grupos étnicos de uma sociedade cada vez mais multicultural, a par de minorias como os polacos, os dinamarqueses, os alsacianos, os sorábios e outros. Tal como os demais grupos, foi adquirindo instituições representativas cada vez mais seculares, em especial a Associação Central dos Cidadãos Alemães de Religião Judaica, fundada em 1893. Porém, ao contrário da maior parte dos outros grupos étnicos, tinha sucesso económico, e os seus membros, em vez de fundarem o seu próprio partido político, tendiam a filiar-se e, por vezes, a assumir posições de liderança nos partidos políticos não extremistas, em particular da esquerda e do centro. A maior parte dos judeus identificava-se fortemente com o nacionalismo alemão, e se os partidos liberais foram particularmente atrativos para eles, isso deveu-se muito ao facto de apoiarem inequivocamente a criação de um Estado-nação alemão.¹⁰ Por conseguinte, a história dos judeus no final do século XIX era essencialmente uma história de sucesso, e os judeus estavam ligados sobretudo aos desenvolvimentos mais modernos e progressistas que ocorriam na sociedade, na cultura e na economia.¹¹

Foram desenvolvimentos como estes que tornaram os judeus alvos de agitadores insatisfeitos e sem escrúpulos como Hermann Ahlwardt. Para os descontentes e falhados, para os que tinham sido atropelados pelo rolo compressor da industrialização e ansiavam por uma sociedade mais simples, mais ordenada, mais segura e mais hierárquica, como a que imaginavam ter existido num passado não muito distante, os judeus simbolizavam a modernidade cultural, financeira e social. Era esse o caso, em especial, na cidade adotada por Ahlwardt, Berlim. Em 1873, a economia berlinense sofreu um golpe devastador com o fim abrupto do frenesi despesista e de investimentos que acompanhou a euforia da fundação do *Reich*. A depressão económica mundial, desencadeada pelo fracasso dos investimentos ferroviários nos Estados Unidos, causou falências e insolvências na Alemanha. As pequenas empresas e os trabalhadores foram duramente atingidos. Na sua incompreensão das forças que estavam a destruir o seu sustento, os mais afetados acreditaram facilmente nas afirmações dos jornalistas católicos e conservadores de que a culpa era dos financeiros judeus.